



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

ERICO VICTOR DE MELO SANTOS

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NO EXISTENCIALISMO DE
JEAN-PAUL SARTRE**

CAMPINA GRANDE – PB

2018

ERICO VICTOR DE MELO SANTOS

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NO EXISTENCIALISMO DE
JEAN-PAUL SARTRE**

Artigo apresentado ao curso de Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
para a obtenção de título de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Erico Victor de Melo.
Considerações sobre a ética no existencialismo de Jean-Paul Sartre [manuscrito] / Erico Victor de Melo Santos. - 2018.
19 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo ,
Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Ética. 2. Existencialismo. 3. Liberdade. 4.
Responsabilidade. 5. Angústia. I. Título

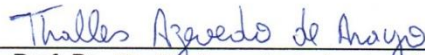
21. ed. CDD 170

ERICO VICTOR DE MELO SANTOS

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NO EXISTENCIALISMO DE
JEAN-PAUL SARTRE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado o Curso de Graduação em
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciado em
Filosofia.

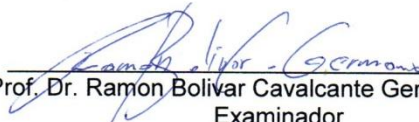
Aprovado em 03/12/2018.



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcante Germano / UEPB
Examinador

Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você!

Jean Paul Sartre

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. SOBRE O EXISTENCIALISMO ATEU.....	8
3. O PARA-SI, A LIBERDADE E A ANGÚSTIA	9
3.1 A liberdade, angústia e má-fé.....	12
4. A ÉTICA E A ESCOLHA AO HUMANISMO	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS	18

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÉTICA NO EXISTENCIALISMO DE JEAN-PAUL SARTRE

Erico Victor de Melo Santos¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar aspectos do existencialismo de Jean-Paul Sartre no que se refere às ações humanas e à escolha por um humanismo, buscando uma compreensão da ética no pensamento do filósofo francês, apresentando, assim, as noções básicas sobre liberdade, responsabilidade e angústia, buscando relacioná-las aos temas propostos, especificamente nas obras *O existencialismo é um humanismo* e *O ser e o nada*, dessa maneira, realizando uma abordagem da ética que se apresenta implícita nas suas obras.

Palavras-chave: Liberdade. Responsabilidade. Angústia. Ética.

RESUME

Le but de ce travail est de présenter des aspects de l'existentialisme de Jean-Paul Sartre en ce qui concerne les actions humaines et le choix d'un humanisme, en cherchant à comprendre l'éthique dans la pensée du philosophe français et en présentant ainsi les notions de base de liberté, de responsabilité et l'angoisse, cherchant à les relier aux thèmes proposés, en particulier dans les œuvres. L'Existentialisme est un humanisme et l'être et le néant, réalisant ainsi une approche de l'éthique qui est implicite dans leurs œuvres.

Mots-clés: Liberté. Responsabilité. L'angoisse. Éthique.

1. INTRODUÇÃO

Nas suas obras, em especial em *O existencialismo é um humanismo*, temos uma explicação dada pelo próprio Sartre a respeito da defesa do existencialismo, já que era constantemente apontado como sendo uma corrente filosófica que estimulava a quietude e assim seria meramente contemplativa, não sendo relevante para o contexto histórico em que Sartre estava inserido, isto segundo as acusações. Sartre, por sua vez, procura apresentar em *O existencialismo é um humanismo* que sua filosofia é pautada na ação e que não é, portanto, meramente contemplativa como afirmavam seus opositores. É neste ponto que traçamos uma análise que tem foco em uma perspectiva ética, procurando dentro da obra os aspectos da

¹ Erico Victor de Melo Santos é aluno do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba.

ética existencialista, no entanto, não vamos adentrar no que se refere às questões ontológicas acerca do ser, pois buscaremos tratar de maneira mais específica a conduta ética e humanista de Sartre. Indagaremos as questões humanas em suas relações cotidianas, fazendo uma defesa do existencialismo como mecanismo de descobrimento das ações humanas, isso pensando a partir da liberdade e da responsabilidade.

Embora o existencialismo tenha sido atacado de todos os lados e por diversas correntes políticas e religiosas, cabe ressaltar, não obstante, que quando Sartre embora não tenha escrito especificamente um tratado ético, tal perspectiva, porém, nunca se fez ausente nem mesmo em sua obra mais conhecida: *O ser e o nada*. Acreditamos que esta obra não se dirige apenas para o estudo ontológico acerca do ser, entretanto é possível notar que existe uma ética implícita até mesmo no seu pensamento ontológico, que é como ficou conhecido o caráter de sua obra. No que se refere às críticas, temos de um lado o pensamento conservador e cristão criticando uma espécie de niilismo, o ateísmo, o desespero, o amoralismo e a gratuidade como sendo marcas fundamentais da filosofia existencialista de Sartre, apontando-a como um exemplo característico da recusa da transcendência que marcaria a trajetória do pensamento moderno e contemporâneo. Do lado marxista, criticava-se o solipsismo, ou seja, o enaltecimento da subjetividade e a afirmação da liberdade como um valor absoluto, vendo nesses temas uma retomada, pelo viés negativo e niilista, da subjetividade idealista ou do sujeito burguês como o centro do mundo, ignorando a história e desencorajando a ação. No entanto, Sartre (2014, p. 19) em defesa do seu existencialismo afirma que:

O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se formar. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la. O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência.

Portanto, este é o ponto de partida para um pensamento ético na filosofia de Sartre, nossa experiência e diálogo com o mundo irá nos moldar, mas até mesmo este moldar é flexível, pois nós não podemos em hipótese alguma nos identificar com o em-si, já que não somos determinados, prontos e acabados como objetos, mas somos sempre projetos e com isso nunca poderíamos ser em-si.

2. SOBRE O EXISTENCIALISMO ATEU

É então neste contexto que começamos nossa análise acerca do existencialismo como forma e expressão ética. Primeiramente, é necessário definir o existencialismo sartriano a que o próprio nos mostra que é representante de um existencialismo ateu, tendo, assim, outras concepções de existencialismo que seriam as seguintes: “primeiramente o cristão”, que Sartre destaca em (2014, p. 17) que “Jaspers e Gabriel Marcel que têm convicções cristãs e, por outro lado, o existencialismo ateu que como destaque podemos indicar Martin Heidegger, e também os existencialistas franceses e eu próprio.” O fato de existir estas três correntes nos mostra que suas semelhanças se limitam ao crivo da máxima do principal conceito que é: “A existência precede a essência” (2014, p. 17), no mais há de fato uma disparidade entre as correntes cristã e atéia.

No entanto, quais são as diferenças fundamentais? Primeiramente, o existencialismo cristão defende que há um artífice e que este dá forma aos seres e, por conseguinte, a nós. Este criador Deus nos faria de maneira semelhante a um artesão que faz sua arte levando-nos a crer que a existência não precederia a essência, desta maneira, teríamos um questionamento sobre a validade do existencialismo cristão, seria este o ponto de divergência do existencialismo sartriano com o existencialismo cristão uma maneira que está distante da que considera Sartre. De acordo com o próprio Sartre (2014, p. 18) temos:

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel. Esse objeto foi fabricado por um artesão, que se inspirou em um conceito; ele se referiu ao conceito de corta-papel, e igualmente a uma técnica prévia de produção, que faz parte do conceito, e que é no fundo uma receita. Assim, o corta-papel é ao mesmo tempo um objeto que se produz de uma certa maneira e que, de outro lado, tem uma utilidade definida, e não se pode supor um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto serviria. Diremos, portanto, que, no caso do corta-papel, a essência—isto é, o conjunto das receitas e das qualidades que permitem produzi-lo e defini-lo — precede a existência. Assim, a presença diante de mim de tal corta-papel ou de tal livro é determinada. Temos aqui uma visão técnica do mundo, na qual se pode dizer que a produção precede a existência.

Com isso, segundo o pensamento sartriano, é gerado uma incoerência no conceito máximo do existencialismo, que é o de “a existência precede a essência”, Sartre nos mostra que no existencialismo concebido por ele, não existe nada prévio a mim se mostrando com isso contrário ao conceito apresentado no existencialismo cristão, sendo assim, como teríamos aqui uma essência ser posterior a forma? Já que se há um artífice prévio que me concebe,

semelhante a um artesão cunha seu objeto? A nosso entendimento, seria importante observar o que diz Sartre (2014, p. 18) sobre este assunto: “Temos aqui uma visão técnica do mundo, na qual se pode dizer que a produção precede a existência.”

É, no entanto, neste ponto que se dá a disparidade do existencialismo cristão para o de Jean-Paul Sartre, ou seja, esta visão “técnica do mundo” não é de forma alguma aceita para as análises sobre o homem, e é com uma visão oposta aos cristãos que o autor vai enaltecer o homem e sua subjetividade, trazendo à tona questões como as complexidades da existência humana, suas angústias, desamparo, o que claramente é formador da conduta do homem.

3. O PARA-SI, A LIBERDADE E A ANGÚSTIA

Antes que possamos falar de uma ética no existencialismo de Sartre, temos que fazer uma abordagem ao seu pensamento inicial, que seria a definição do para-si e do em-si, estes conceitos, por sua vez, dialogariam constantemente para chegarmos à compreensão das ações do homem mediante o outro e os objetos existentes no mundo, já que o para-si é o próprio homem, e este, por sua vez, é desprovido de significados prévios, é um ser vazio. Já o em-si seria, portanto, o oposto do para-si, temos então a concretude física e funcional do em-si, sendo assim, Sartre (2015, p. 122) diz que: “O Em-si é pleno de si mesmo, e não poderíamos imaginar plenitude mais total, adequação mais perfeita do conteúdo.” Temos, assim, uma total ausência de liberdade no em-si, já que este não pode ser outra coisa além dele mesmo.

Traçaremos nosso caminho seguindo os passos indicados por Sartre, sobretudo no que se refere ao significado do “Si” que a minha consciência intencional projeta ser. Tendo isso em consideração, Sartre inicia sua argumentação fazendo uma ressalva ao sentido próprio do ser que é identidade consigo, o *em-si*. Temos a explicação que Sartre dá ao mencionar o Si:

O *si* remete, mas remete precisamente ao *sujeito*. Indica uma relação do sujeito consigo mesmo, e essa relação é exatamente uma dualidade, mas uma dualidade particular, pois requer símbolos verbais particulares. Por outro lado, o *si* não designa o ser nem como sujeito nem como predicado. De fato, se considero o “se” de “ele se aborrece”, por exemplo, constato que se entreabre para deixar surgir atrás de si o próprio sujeito. O “se” não é o sujeito, pois o sujeito sem relação consigo mesmo se condensaria na identidade do Em-si (SARTRE, 2015, p. 122).

Assim, temos o “se” como um agente relacional entre o sujeito e objeto, não podendo ser em-si (objeto completo de si mesmo) devido a sua falta de consistência concreta, ou seja,

não pode ser em si por conta de não ser algo completo e também nunca podendo ser sujeito na medida em que este seria livre de pré-significados. “O sujeito não pode ser si, porque a coincidência consigo mesmo faz desaparecer o si, como vimos. Mas não ser si, também não pode já que o si é indicação do próprio sujeito” (SARTRE, 2015, p. 122). O si é, portanto, um moderador entre dois pontos que inevitavelmente dialogam de maneira permanente.

Com a identificação da facticidade do para-si, conhecemos que não há possibilidade para a consciência existir sem ser um diálogo com o seu sentido, onde sempre está afirmando a sua existência, mas de modo que nega uma plenitude no seu ser. Eu sou apenas consciência, se não sou um ser fechado da identidade que tenho. “É uma obrigação para o Para-si existir somente sob a forma de um em-outro-lugar com relação a si mesmo, existir como um ser que se afeta perpetuamente de uma inconsistência de ser” (SARTRE, 2015, p. 122). Dessa forma, temos então a constatação do que é o para-si, evidenciado no diálogo proporcionado através da conjuntura “si” e, com isso, a ruptura com a concretude do em-si, o para-si é o seu próprio nada e com isto podemos analisar que a minha composição é feita daquilo que não tenho em mim: “eu sou o nada” é uma das indagações mais emblemáticas do existencialismo de Sartre. Isto resulta na atestação de minha liberdade, minhas possibilidades. Aquilo que me faço está sempre em outro lugar, eu me deparo com o distanciamento de mim mesmo, me tornando aquilo que não sou, isto é, o nada. A minha consciência de ser é consciência nadificadora.

É de vital importância na formação do indivíduo as relações entre o “Eu” e o “outro”, este “eu” seria a sua própria subjetividade, sua presença no mundo, o indivíduo e o outro e tudo aquilo que está externo a mim, ou seja, as condições de mundo, pessoas relações e uma infinidade de coisas. “O homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além de sua vida”, é com esta máxima que podemos traçar um caminho para entender a subjetividade sartriana. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o homem é primeiramente o seu projeto, ou seja, ele é o sujeito que se faz através das relações que o mesmo tem o universo de possibilidades que o cerca, a subjetividade é o próprio homem, sendo assim, ele faz seu próprio “eu” e este “eu” relaciona-se com o mundo e ele faz a partir disso o seu projeto de ser. Porém, tudo isto se conceitua em *O ser e o nada*, de maneira que não podemos fugir da sua ontologia fenomenológica, na qual o “eu” em minha condição no mundo diz respeito sempre ao para-si. Isto significa dizer que a contradição da realidade humana advém da união entre o ser e o nada. Na perspectiva de Sartre, o “eu” é sempre o para-si que se arrebatou ao ser para fazer sair de si a possibilidade de um não-ser, isto é, o para-si é aquilo que eu não sou, pois o homem “é” liberdade, angústia, indeterminação absoluta: “Esta liberdade, que se descobre a

nós na angústia, pode caracterizar-se pela existência desse nada, que se insinua entre os motivos e o ato” (SARTRE, 2015, p. 71).

É daí que decorre a angústia, o desamparo e a liberdade do homem, visto que o nada é o que constitui o homem em seu próprio fundamento sem fundo. Mas, no entanto, o que seria esta subjetividade? Muitos viriam a acusar Sartre de maneira negativa ao utilizar este termo carregando-o de uma carga e significado pejorativo e egoísta. Não obstante, é de ressaltar que o termo subjetividade possui um duplo significado, como Sartre (2014, p. 20) afirma:

Há dois sentidos para a palavra subjetivismo e nossos adversários jogam com esses dois sentidos. Subjetivismo quer dizer, por um lado, escolha do sujeito individual por si mesmo, e, por outro, impossibilidade para o homem de ultrapassar a subjetividade humana. É esse segundo o sentido profundo do existencialismo. Quando afirmamos que o homem escolhe a si mesmo, entendemos que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.

Portanto, é aqui que vemos o ponto de expressão da ética existencialista de Sartre, o outro está presente em minhas escolhas e isto nos leva a crer que meu projeto de ser, de formação humana, está ligado às relações que temos, por mais que tendo eu escolhendo a mim mesmo, por mais egoísta que isto possa parecer, eu estou escolhendo também o outro, escolhendo a minha humanidade, apontando assim uma clara concepção ética, e é nestas possibilidades de escolhas que se faz um projeto de ser, ou seja, minha subjetividade, que é, por sua vez a minha incapacidade de ser outra coisa além do que eu me faço. No entanto, apesar de ser eu dono do que sou, não sou só, tenho como parâmetro a minha humanidade ou, por assim dizer, o outro, pois não posso ser nada sem ambos estes fatores, sendo eu consciente de mim e também do outro como se pode observar no que se segue:

O outro é mediador indispensável de mim e mim mesmo: sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro. E, pela aparição mesmo do outro, estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como um objeto que apareço ao outro (SARTRE, 2015, p. 290).

Este é o pensamento sartriano que trata de mostrar que não há um individualismo no sentido que só existiriam minhas ações, sem levar em consideração o outro, há sim, e isto é importante observar, uma perspectiva ética recorrente neste pensamento.

3.1 A liberdade, angústia e má-fé

É através deste caminho apresentado, segundo o pensamento sartriano, que se refere à liberdade humana, em que, como é evidenciado por ele, o homem é condenado a ser livre. Ser livre quer dizer aqui escolher, mas a liberdade não é para Sartre algo que se possa atribuir ao homem de maneira adjeta, já que o próprio homem é a liberdade. Através disto, o que temos é, que na escolha realizada por mim a realidade humana se constitui e se constitui como um projeto no mundo. Tal projeto é caracterizado por Sartre como original ou inicial, modifica-se constantemente no combate existencial da realidade humana relativamente ao seu estar lançado no mundo: “É o que exprimirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é responsável por tudo que fizer (SARTRE, 2014, p. 24).

A condenação à liberdade leva o homem à angústia e aos medos, porém, não podemos escolher outra coisa além desta liberdade, que por sua vez me joga em um mar de angústia. A minha maneira de agir e escolher me atormenta constantemente, pois ao escolher penso em uma série de problemas que recorreriam da minha escolha, minhas escolhas não afetam apenas a mim ou meu projeto de ser, mas afetam também a humanidade. Sartre irá descrevê-la da seguinte maneira: “é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão” (SARTRE, 2015, p. 72).

Nas designações de Sartre, a angústia diante da liberdade significa algo diante de si mesmo, daquilo que constitui a própria realidade humana, isso porque, quando o homem está diante de uma nova possibilidade de escolha, seja ela qual for, e que ameace modificar sua maneira de viver e se relacionar com os demais, se sente angustiado com esta possibilidade de mudança. Nesse sentido, Sartre (2015, p. 545) afirma que: “o homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser.”

Com isso, Sartre afirma a nadificação do homem, e é nestes traços que vislumbramos a ética existencialista se apresentando de maneira forte e eficaz, já que eu sou algo que sou constituído do que não sou. Porém, para que não se gere uma má compressão do que estamos apresentando, é importante que tenhamos em mente que, o homem embora seja o agente que decide, não está alheio ao mundo, evidentemente é o contrário disto, ele se relaciona e escolhe e isso o faz, mas se faz na solidão da sua escolha, como aponta Sartre (2015, p. 545):

[...] ser é *escolher-se*: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa *receber* ou *aceitar*. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchemos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é.

É a partir daí que temos a compreensão do que significa a liberdade humana e, junto a isso, o ponto de que a existência precede a essência, ou seja, o homem primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo, e só posteriormente se define. Em suma, tal como concebe o existencialismo, se no próprio homem não é possível encontrar sua definição, é porque ele primeiramente não é nada. Em tese, o homem não é apenas livre, ele é pura liberdade. É a liberdade, por conseguinte, que dá fundamento aos valores. Se o homem é totalmente livre, é consequentemente responsável por tudo aquilo que escolhe fazer. Absolutamente, não há desculpas para ele, ele é responsável por seus atos. É, por esta razão, que Sartre define o homem como a angústia que nasce exatamente pelo fato da condição humana ser nadificada em seu próprio ser. O desamparo é uma condição permanente na realidade humana, como um ser sem nenhum fundamento. Em termos propriamente sartriano, a angústia nada mais é que a situação de passagem do “em-si” “para-si”. Para Sartre (2015, p. 569): “Assim, encontramos o ato fundamental de liberdade; e o ato que confere seu sentido à ação em particular que levo em consideração em dado momento”; este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, descoberta do mundo.

Escolher é angustiante, e isto é notável nas mais diversas esferas do intelecto humano, desde os atos mais fúteis aos mais nobres. A angústia permeia a existência do homem, porque o homem está lançado para a vida, assim, ele é responsável por tudo o que faz do projeto fundamental, isto é, de sua existência. Nessa perspectiva, Sartre, indicando que o ser humano é sua própria angústia, sem dela poder fugir, também diz que há a possibilidade do homem em mascarar essa angústia e sua liberdade. Essa atitude, como não se pode pensar o para-si sem sua liberdade e a angústia que dela decorre, só se constitui como uma atitude de engano. Ou seja, é somente no ato de enganar a si próprio, de mentir para si mesmo, que o homem pode desenvolver a ideia de que não é angústia e sim uma essência, um fundamento de sua própria existência. A isso Sartre atribui o sentido da má-fé, o negar a si mesmo e, com isso, toda a sua responsabilidade nas possíveis escolhas que o segue. A má-fé encontrada no *Ser e o Nada*,

está associada a atitudes propriamente humanas, na qual se revelam nos modos em relação à responsabilidade, onde os atos provenientes de escolha a serem feitas manifestam-se através de uma indiferença do homem. Esse conceito se associa à mentira, “consiste, numa primeira aproximação, em mentir a si propriamente, em construir uma imagem de si ou uma situação” (SILVA, 1998, p. 38). Mas não é uma simples mentira, pois a má-fé é mentir a si mesmo: eu minto a mim, acreditando na minha mentira, crendo na mentira que a mim mesmo faço.

Para que se apreenda a forma na qual é aplicada o significado do que venha a ser a má-fé, Sartre em *O ser e o nada* nos apresenta alguns exemplos, que de forma mais concisa fazem entender como venha surgir a má-fé nas condutas humanas. Vejamos o exemplo de um garçom do café. Ele se mostra muito interessado pelo trabalho no qual exerce, pelos seus clientes. Ele está como que brincando, diz Sartre (2015, p. 106), com sua bandeja: o “garçom brinca com sua condição para realizá-la”. Ele finge ser empregado, busca desenvolver um certo papel, no qual se pode apegar-se a um em-si, isto é, “o homem aspira à consistência e à presença do ser, em vez disso, é transcendência e falta” (SARTRE, 2015, p. 102).

A má-fé representa a tendência do homem para fugir de si próprio, da sua angustiante abertura interior ao não-ser. Tudo isso porque, observa Sartre, a constituição ontológica do homem é a própria liberdade, ou seja: “a consequência essencial das observações anteriores é de que o homem está condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. (SARTRE, 2015, p. 678).

Eis aqui o sentido essencial no que se refere à ética em Sartre, já que existir é escolher e escolher é assumir o papel de protagonista pelo mundo, este é o sentido da responsabilidade, ela implica no poder do homem enquanto centro da existência. O homem é o responsável pelo todo das coisas e também é responsável pelo seu próprio ser lançado no mundo.

4. A ÉTICA E A ESCOLHA AO HUMANISMO

Ao tratarmos de ética no pensamento de Sartre, temos que fazer uma abordagem do sentido dos termos e com isso evidenciar a ética mostrando que há uma separação substancial da moral. Esta, por sua vez, é única de cada povo, cultura, época etc; assim temos como sustentação da moral os agentes externos ao homem, que, por conseguinte, ditam as regras a serem aceitas e seguidas. Porém, iremos nos ater no que se refere ao pensamento de Sartre através das suposições de escolha e angústia em que o homem está recorrentemente inserido. Sartre, por exemplo, menciona um caso de um aluno seu em que tem nas mãos uma escolha a ser tomada, abandonar a mãe e se alistar no serviço militar ou ficar e cuidar da sua mãe que

certamente morreria se ele partisse. Mediante a problemática, questiona Sartre (2014, p. 26): “E, ao mesmo tempo, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, do devotamento individual; e, de outro lado, uma moral mais larga, mas de uma eficácia mais contestável. Ele precisava escolher entre as duas.”

Esta possibilidade de escolha, como já mencionado, é a liberdade humana e que além da angústia traz consigo também o desamparo, que é o sentimento que nasce da sua liberdade já que ele não poderá encontrar muletas, auxílios para sua orientação.

No entanto, isso se refere diretamente à impossibilidade de ser de outra maneira senão como ele se faz, a existência do homem apenas ele escolhe, sendo assim torna-se claro que ninguém pode tomar decisões por mim, eu sou o indivíduo responsável pelas minhas ações, porém, estas ações impactam todo o meu projeto de ser e também o outro, as minhas ações não são atos isolado que refletem apenas a mim, com isso, que temos uma reflexão sobre a ética dentro do existencialismo, o outro está constantemente presente a mim. Apesar de termos a ação ética do homem, precisamos entender que mesmo que colocando de certo modo valores prévios e estes por sua vez se apresentam no pensamento do homem como memórias, não são determinantes mas minhas escolhas. Para Sartre os valores são, valores vagos e imprecisos, podemos leva-lo em conta que embora eles existam, eu que realizo minha escolha e ao escolher até mesmo um valor prévio, escolho sabendo que sou livre. Sendo deste modo não existe de maneira concreta e imutável, nenhuma moral previamente definida. “O homem se faz; Ele não está feito de antemão, mas se faz escolhendo sua moral, e a pressão da circunstância é tal que ele só não pode não escolher uma. Não definimos o homem senão em relação ao um engajamento” (SARTRE, 2014, p. 38).

Sabemos, portanto, que o homem é liberdade, e por ser de tal modo as escolhas se refletem sucessivamente a si mesmo e também a tudo que o cerca. Já que toda liberdade traz a responsabilidade de suas escolhas o homem é uma via de mão dupla, nunca é em si, assim a responsabilidade se faz na medida em que eu decifro o mundo. É através deste pensamento que Sartre colocará o homem no centro de toda conjuntura da ação moral, e a moral na perspectiva dos moldes kantianos é totalmente rechaçada no pensamento existencialista de Sartre, já que este ao referir-se a ética, mesmo que de modo não direto, tem sua visão voltada para as ações do homem, o homem torna-se, assim, o único que pode escolher mediante as circunstâncias por ele vividas, não podendo haver uma forma *a priori* de conduta ou moral que diga a ele o que fazer, no modo de um imperativo categórico kantiano.

Contudo, sabemos que, para Sartre, nenhuma forma abstrata definiria suas ações, isso porque há a condenação da liberdade e nela se faz todo e qualquer tipo de escolha, até mesmo os nossos valores. Segundo Sartre (2014, p. 42):

E, além disso, dizer que nós determinamos os valores não significa dizer outra coisa senão que a vida não tem sentido, *a priori*. Antes de começarmos a viver, a vida, em si, não é nada, mas nos cabe dar-lhe sentido, e o valor da vida não é outra coisa senão este sentido que escolhemos.

Por todo caminho percorrido, vemos a grande contribuição ética de Sartre, que é o fato de que nossas ações nos fazem, nos alimentam e constituem o que somos. Não meramente um ser isolado, pré-definido, eu me torno a pura liberdade e me faço nas minhas escolhas, bem como nas relações que tenho, sou humano e assim responsável por minha e por toda a humanidade. Indica Sartre (2014, p. 21): “[...] sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem do homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem.”

Portanto, temos aqui a conclusão de que o existencialismo é de fato um humanismo, colocando o homem com uma responsabilidade intrínseca e tão atrelada a ele que nem mesmo a escolha de não tê-la lhe é negada, gerando, assim, uma consciência altruísta e permanente. Sendo eu, nomeadamente, um ser que me constituo nas escolhas e relações que tenho com os outros homens e com o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado, concluímos que neste artigo propusemos comentar sobre a concepção da ética, liberdade e angústia em Sartre. Conseguimos destacar a posição do homem livre e que a liberdade é, claramente, um dos conceitos fundamentais da ontologia fenomenológica de Sartre, visto que essa é, para ele, a condição da existência humana. O homem pode escolher livremente o que fazer e assim ver o desencadear dos atos em sua vida.

Verificamos também que o homem se faz das escolhas que toma e estas, por sua vez, é decidida na solidão de si mesmo. O homem não possui parâmetros morais ou éticos estabelecidos, por isso, ele é livre para escolher livremente perante o outro. No entanto, cabe salientar, a sua escolha impacta a todos.

Com isso, temos a angústia, já que o outro seria também impactado pela minha escolha levando-nos às mais diversas questões e possibilidades de escolha. Isto fica

evidenciado na presença do outro. Sendo assim, constatamos também que o “eu” é um agente nadificado que encara no outro aquilo que o “eu” não pode ser, o homem está sempre dialogando e se constituindo junto com o outro.

E dentro deste vasto universo de escolhas, a única coisa que o homem não pode optar é não ser livre, porque com isso renunciaria a si mesmo. Sua liberdade é o alicerce de toda a conduta moral, mas nada explica que este ou aquele valor seja melhor. Se a liberdade do homem é o alicerce absoluto, então, a moral não existe senão no próprio homem, manifesta então unicamente em suas ações concretas.

Sartre afirma que o homem é condenado a ser livre, pelo simples fato de existir. Toda liberdade de escolha e possibilidade de alguma coisa, fato que implica na responsabilidade e, dessa maneira, a angústia de optar pelo que deseja ser. E é por isso que Sartre ressalta que o homem, quando responsável e diante de uma escolha, sente-se angustiado já que suas ações sempre implicarão no outro.

O que forma a minha figura é minha consciência e a interação com o mundo que me circunda, minha realidade é o fazer-se, por isso, só comigo mesmo não tenho condição de interagir, e sem esta interação não posso realizar meu projeto de ser, sem os outros para que haja a interação não posso reconhecer a mim mesmo, por isso, ao observar o mundo posso me verificar. Contudo, reconhecendo as diferenças entre eu e o outro posso existir, dialogar e escolher sobre mim e sobre minha humanidade que é também a humanidade do outro. E é portanto neste diálogo que fortaleço meu compromisso na defesa da existência do outro que me rodeia, já que ao me fazer no mundo por meio deste dialogo, sou também defensor da existência do outro. Portanto, está evidenciado assim o pensamento da ética na obra sartriana. O homem não pode fugir deste modo de existir, escolher a si mesmo é também de certa forma escolher a humanidade e disto não podemos fugir, ou seja, a responsabilidade sobre si e responsabilidade sobre o mundo, dessa forma nós somos e sempre seremos responsáveis por nossas escolhas e ações no mundo.

REFERÊNCIAS

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. 24. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVA, Cléa Góis. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre*. Londrina: Editora da UEL, 1998.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida.

Quero deixar meus agradecimentos a minha família que foi todo o alicerce de minha constituição como pessoa.

Minha mãe Maria Almeida de Melo, verdadeira heroína que sempre me apoiou, educou e se preocupou em proporcionar melhores condições e meus estudos.

Ao meu pai Nivaldo Almeida e meu tio José Longuinho (*in memoriam*), que apesar de todas as dificuldades me fortaleceram e que para mim foram muito importantes.

Minha esposa Krianda dos Santos, que desde o início desta trajetória vem me apoiando e sempre me incentivando a não desistir até mesmo nos momentos mais difíceis, estando sempre a meu lado.

Ao meu filho Aquiles Santos de Melo, que com sua magia, alegria e pureza me faz buscar sempre ser um homem melhor. E é o bem mais precioso em minha vida.

Obrigada minhas irmãs e sobrinhos, por estarem sempre ao meu lado ajudando na minha formação humana.

Ao Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araújo, pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem não apenas o conhecimento acadêmico, mas também por terem proporcionado os momentos de conversas e conselhos dados, que vão muito além do conhecimento acadêmico.

Aos amigos que fiz ao logo da minha formação e que vão continuar presentes durante toda minha vida com certeza.